

A BARITA DA FAZENDA PRETINHOS (VALE DO RIBEIRA), ADRIANÓPOLIS, PARANÁ

José Roberto Góis (1); Rubia Dinara Schley (2).

(1) UFPR; (2) UFPR.

Resumo: Não se tem registro de trabalhos sistemáticos de pesquisa em Pretinhos, em que pese os diversos informes técnicos disponíveis na literatura, com descrição da ocorrência e sua correlação com outros depósitos da região. JICA (1981) descreve a "mina Pretinhos" como situada a cerca de 5 km a leste da Mina Perau, e que em 1980 teria produzido em torno de 180 t de barita bruta; a produção perdurou entre 1980-1986 ainda que de forma intermitente, sendo lavradas em torno de 1.000t de barita, segundo informações obtidos junto a antigos funcionários. Na verdade, o corpo de barita parece ter sido descoberto quando dos levantamentos de reconhecimento regional visando a detecção de metais base (Cu, Pb, Zn), provavelmente pela CPRM. Outra referência é encontrada em Fritzsons Jr. et alli (1982) que relatam ser o horizonte Perau o hospedeiro das mineralizações de Cu, Pb, Zn, barita e Fe da região, representando os 50-60 metros logo acima dos quartzitos basais da Formação Perau. Góis (2001) descreve a ocorrência de barita de Pretinhos como uma barita de coloração branca predominante e localmente de cor caramelo apresentando estrutura maciça a bandada e também sacaróide. A camada de barita possui espessura entre 1 e 2 metros e encontra-se hospedada entre quartzitos e cálcio-xistos (na base) e cálcio-xistos e mármores dolomíticos/calcíticos (no topo); o corpo mineralizado exibe orientação segundo N40-50E/20-40SE e plunge de 15°-20°. A análise química de uma amostra de minério revelou teores bastante satisfatórios: $\text{BaSO}_4=96,3\%$, $\text{BaO}=64,61\%$, $\text{SO}_3=32,56$, $\text{SrO}=1,07\%$, $\text{SiO}_2=0,78\%$, $\text{Fe}_2\text{O}_3=0,01$, $\text{P}_2\text{O}_5<0,01\%$ e densidade igual a $4,3 \text{ g/cm}^3$. Os trabalhos prospectivos até agora desenvolvidos na área (Góis, 2006) permitiram rastrear a camada de minério por 1.700 metros e várias análises químicas de amostras coletadas ao longo do corpo resultaram nos seguintes teores: $\text{BaO}=63,12\%$ a $67,19\%$, $\text{SO}_3=30,33\%$ a $34,12\%$, $\text{SiO}_2=0,71\%$ a $4,22\%$, $\text{SrO}=0,57\%$ a $1,06\%$ e densidade de $4,37 \text{ g/cm}^3$. Atualmente está em curso uma campanha de sondagem rotativa, com previsão de 15 a 20 furos, objetivando o reconhecimento e a delimitação do depósito em subsuperfície e também o subsídio ao planejamento da futura lavra subterrânea.

Palavras-chave: barita; vale do ribeira; fazenda pretinhos.

A FORMAÇÃO FERRÍFERA DA SERRA DA BODOQUENA, MS

Thiago Piacentini (1); Jorge Kazuo Yamamoto (2); Guilherme José Rampazzo (3); Paulo César Boggiani (4); Marília Pulito de Aguiar (5).

(1) IGC-USP; (2) IGC-USP; (3) IGC-USP; (4) IGC-USP; (5) IGC-USP.

Resumo: A região da Serra da Bodoquena, localizada na porção centro-meridional da Faixa Paraguai, é composta por rochas metassedimentares de baixo a médio grau de metamorfismo, depositadas na borda do Bloco Rio Apa. A unidade estratigráfica inferior aflorante na região (Formação Puga) é constituída por fácies glácio-marinhas possivelmente relacionada à Glaciação Marinoana, onde foi encontrada recentemente ocorrência de formação ferrífera.

Os metadiamicritos da Formação Puga apresentam matriz cinza esverdeada, pelítica, com xistosidade, por vezes, crenulada. Clastos de quartzito e gnaiss, centi a decimétricos, perfazem 15% da rocha e estão geralmente estirados pelo tectonismo. A matriz desta rocha grada para uma composição rica em magnetita até fazer contato brusco com a formação ferrífera, composta por bandas de magnetita finamente laminadas, alternadas com quartzo. Esta descontinuidade observada entre a formação ferrífera com os metadiamicritos, é semelhante as demais ocorrências neoproterozóicas de formação ferrífera associadas a sedimentação glacial, como o Grupo Rapitan no Canadá e Supergrupo Damara da Namíbia.

A magnetita é o principal constituinte mineralógico, ocorrendo de forma granular e principalmente como martita, formando, subordinadamente, hematita, em geral, tabular. É comum magnetita reliquiar no interior de grãos martitizados, porém sua alta susceptibilidade magnética é fator dominante da discriminação deste litotipo. Há ainda ocorrência de goethita supérgena, sob a forma de agregados, e quartzo e muscovita como minerais remanescentes.

O uso de dados de aerolevantamento magnético permitiu a delimitação da área de ocorrência para fins de mapeamento da mesma. Esta, por sua vez, ocorre alinhada segundo dois corpos alongados e descontínuos de direção norte-sul por aproximadamente 30 km de extensão, em uma faixa estreita de até 4 km no sentido leste-oeste. Invariavelmente, encontra-se mergulhando para leste com ângulos médios a altos.

A porção sul da ocorrência (Fazenda São Manoel) apresenta exposição praticamente contínua por aproximadamente 500 m, entre os corpos situados à leste da ocorrência, e reflete topograficamente, desníveis de até 50 m, com predominância de metadiamicrito de matriz ferruginosa, contendo porções enriquecidas, finamente laminadas.

Os teores de ferro são essencialmente baixos (de 25 – 55% Fe^0), porém ensaios de caracterização tecnológica demonstram viabilidade técnica de aproveitamento e concentração deste recurso em produtos comercializáveis através do processo de sinterização.

Uma primeira avaliação dos recursos geológicos de ferro através de métodos convencionais, pela subdivisão do depósito em blocos por meio de seções geológicas (Método dos Perfis Padrão), indica que a região de Bodoquena tem um potencial de recursos de cerca de um bilhão de toneladas de minério de ferro, o que torna esta ocorrência atraente pela infra-estrutura e disponibilidade das demais matérias primas necessárias para dar suporte logístico a um futuro prospecto mineral na região.

Palavras-chave: formação ferrífera; faixa paraguai; formação puga.